

INFLUÊNCIA DA METODOLOGIA APAQUEANA NA IDENTIDADE DOS RECUPERANDOS

Mirela Leal Tristão¹
Ana Cláudia Junqueira Burd²

RESUMO

Este artigo é resultado de um levantamento sobre as possíveis influências da metodologia apaqueana na identidade dos presos que são enviados para uma APAC (Associação de Proteção Assistência ao Condenado). O objetivo da pesquisa foi compreender quais as possíveis influências da metodologia apaqueana na identidade dos recuperandos da APAC Sete Lagoas. Objetivou-se também em apontar as principais diferenças entre o sistema prisional comum e as APAC's, e identificar as possíveis implicações para a identidade no sistema prisional sob a visão da Psicologia Social, caracterizando a identidade como uma metamorfose, ou seja, algo capaz de se modificar conforme os estímulos do ambiente. Atualmente, a realidade das penitenciárias denuncia um sistema falido há décadas e que, não cumpre com a aplicação da Lei de Execuções Penais. Em contraponto, o método APAC, com uma metodologia humanizada mas sem esquecer a aplicação da legislação, consegue sustentar um cenário animador com um índice baixíssimo de reincidência, cerca de 3%. Observando essas e outras características a pesquisa justifica-se por sua relevância social, uma vez que pretende mostrar os benefícios da utilização de uma metodologia humanizada na aplicação da pena privativa de liberdade e ainda, como isso atua na ressocialização. A metodologia utilizada foi de natureza descritiva, abordagem qualitativa e para a coleta de dados foi realizada uma pesquisa de campo na APAC Sete Lagoas com recuperandos do regime fechado. Os resultados mostraram o resgate da dignidade da pessoa humana como a maior influência do método, proporcionando aos recuperandos a percepção de serem merecedores de respeito, direitos e deveres, o que influencia para uma ressocialização.

Palavras-Chave: Metodologia Apaqueana. Identidade. Psicologia Social.

ABSTRACT

This article is the result of a research about the possible influence of the apaqueana's methodology in the prisoners' identity who are sent one APAC (Association of Protection and Assistance to the Convict). The objective of the research was understand wich are the possible influence of the apaqueana's methodology in the recuperandos' identity of APAC-Sete Lagoas. Also the research pointed out the principal difference between the commom prison system and the APAC's, and it worked with the possible implications in someone's identity in the prison system, were also worked under the Social Psychology View and this identity is characterized as a metamorphosis, that means, something that can be able to change according to the stimuli of the environment. Nowadays the reality of the penitentiary denounces a failed system over decades that not obey the law. On the other hand the APAC Method with a humanized methodology, without forgetting the legislation, is capable of keeping a hopeful scenario with very low relapse rate, below 3%. Observing this and other characteristics this research is justified because of its social relevance once it itens to show the benefits of using a humanized methodology to aply the liberty deprivation and also to work in the prisoners resocialization. The methodology used was descriptive, qualitative and the data collection was done as a fiel research at APAC Sete Lagoas with recuperandos from the closed regime. The results showed that the human dignity rescue is the greatest influence of the method, giving the recuperandos the percepciono of being worthy of respect, rights and towards society, which influences a resocialization.

Key words: Apaqueana's Methodology. Identity. Social Psychology.

¹ Graduanda em Psicologia pela Faculdade Ciências da Vida.

E-mail: leal.mirela@yahoo.com

² Psicóloga, Professora do curso de Bacharelado em Psicologia na Faculdade Ciências da Vida (FCV)

E-mail: anacjunqueira@yahoo.com.br

1 INTRODUÇÃO

A identidade é um assunto estudado por varias ciências, adquirindo assim diferentes definições. Em uma das vertentes da psicologia social recebe a significação de metamorfose. De acordo com essa visão, ela é capaz de modificar-se conforme as variáveis do contexto no qual o indivíduo está inserido, podendo sofrer tanto influências negativas quanto positivas, contribuindo para seu desenvolvimento ou estagnação. Seguindo esse raciocínio, as penitenciárias podem ser consideradas como um local de forte influência para a identidade dos indivíduos ali presentes (JACQUES, 2013).

Atualmente, as penitenciárias brasileiras suportam um aumento populacional que impossibilita um gerenciamento efetivo dos recursos humanos, materiais e financeiros. Com isso, esses locais apresentam estruturas cada vez mais deploráveis, armazenando diferentes mazelas que afetam a integridade física, moral e psicológica dos apenados, uma vez que tal cenário impacta diretamente na dignidade da pessoa humana, não oferecendo condições adequadas de sobrevivência, nem tão pouco perspectivas de ressocialização para esses indivíduos (SANTOS; AQUINO, 2016). Instalados nesse contexto deplorável, os presos perdem a própria referência e começam a adotar os códigos da rotina carcerária, vivenciando humilhações e violências de forma natural, fato que repercute diretamente em suas identidades (FRANDOLOSSO; OLIVEIRA, 2014).

Na contramão dessa realidade, em 1972 em São José dos Campos, em São Paulo, o advogado Mario Ottoboni e outros membros da pastoral carcerária instituíram o método APAC (ASSOCIAÇÃO DE PROTEÇÃO E ASSISTÊNCIA AO CONDENADO), como uma nova possibilidade para a aplicação da pena privativa de liberdade, que busca atender os requisitos da LEP 7.210/84 (Lei de Execuções Penais). Além da Lei, o método procura tratar os presos com respeito e dignidade, sustentando a máxima “valorizando o homem e matando o criminoso”. Com isso, quando o preso é transferido para uma APAC, sua percepção sobre si mesmo e sobre sua condição atual pode sofrer modificações incidindo assim sobre sua identidade (OTTOBONI, 1999).

Conforme a Fraternidade Brasileira de Assistência ao Condenado (FBAC, 2016), a taxa de reincidência na APAC chega a ser três vezes menor do que no sistema prisional comum, cenário que escancara a ineficiência de um método arcaico e insalubre. Observando essas e outras diferenças dos dois sistemas, essa pesquisa justifica-se por sua relevância social, uma vez que pretende discorrer sobre a nocividade da maioria das penitenciárias

brasileiras mostrando, em contraponto a essa realidade, a importância da aplicação de uma metodologia humanizada nas penas privativas de liberdade, bem como seus benefícios para o preso e toda a sociedade. Seguindo essa linha de raciocínio, este trabalho é norteado pela seguinte pergunta: quais as possíveis influências da metodologia apaqueana na identidade dos recuperandos da APAC Sete Lagoas?

Diante desta questão dois pressupostos foram elaborados. O primeiro sugere que, quando é transferido para uma unidade da APAC, o preso encontra um ambiente embasado na disciplina e valorização humana que podem impulsionar para a ressignificação de sua identidade. Já o segundo propõe que a estrutura da identidade do preso está ligada à sua ressocialização, o que é trabalhado na APAC por intermédio da sua metodologia que insere novos valores e possibilidades no cotidiano desses indivíduos. O objetivo geral desse trabalho é compreender como a APAC, através da sua metodologia, pode influenciar na identidade dos recuperandos e conseqüentemente na ressocialização deles. São objetivos específicos desse trabalho: apontar as principais diferenças entre o sistema prisional comum e a APAC; identificar as possíveis implicações para a identidade no ambiente prisional sob o olhar da Psicologia Social.

A metodologia utilizada na pesquisa é classificada quanto à sua abordagem como qualitativa de natureza descritiva, e quanto aos meios como uma pesquisa de campo. A pesquisa foi realizada com recuperandos do regime fechado da APAC Sete Lagoas por meio de entrevistas semiestruturadas, o que propiciou a compreensão da percepção de cada um dos entrevistados sobre as mudanças que ocorreram com eles desde a chegada na instituição. Posteriormente, para a análise dos dados, foi efetuada uma Análise de Conteúdo que possibilitou a identificação dos principais estímulos que influenciam a identidade dos recuperandos no contexto da APAC e, ainda, como essa realidade contribui com o processo da ressocialização.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 O SISTEMA PRISIONAL TRADICIONAL E AS APAC'S

Atualmente, estima-se que o Brasil tenha cerca de 1.400 estabelecimentos penais e a maior parte deles está superlotada. O último levantamento do Departamento Penitenciário

Nacional (DEPEN), realizado em 2014, mostrou um aumento de 167,32% da população carcerária em 14 anos, chegando a um total de 622.202 detentos e a um déficit superior a 250.000 vagas. Esse fato resulta na ineficiência da aplicação da Lei de Execução Penal (LEP 7.210/84) que estabelece direitos para a população carcerária, priorizando a individualização da pena, através da análise da personalidade e dos antecedentes do preso, e a ressocialização, que é obtida por meio de uma ampla assistência que abrange saúde, religião, educação, assistência jurídica, social e material (BRASIL, 1984).

A superlotação contribui para o descumprimento dos direitos dos apenados e, por essa razão, pode ser considerada como um dos maiores problemas encontrados nos presídios brasileiros uma vez que, através dela, muitas adversidades são desencadeadas: péssimas condições de higiene; alimentação inadequada; violência física, psicológica e sexual; dificuldade no acesso à assistência à saúde e jurídica; celas deterioradas e pouco arejadas que contribuem para disseminação de doenças como a AIDS (Síndrome da Imunodeficiência Adquirida) e tuberculose, esta última muito comum nos presídios (MACHADO, 2013).

Dentro dessa realidade, os presos ainda são submetidos a um jogo de sobrevivência com regras distintas: por um lado as normas legais da instituição e do outro o código de convivência dos presos que orquestram a dinâmica entre eles (LIVRAMENTO; ROSA, 2016). Com isso, um clima de insegurança perpetua diariamente entre os presos, principalmente os mais vulneráveis. Isso porque as condições degradantes do cárcere contribuem para a dominação pelos reclusos mais fortes; dessa maneira o ambiente se transforma em um campo minado pronto para explodir, culminando em conflitos e rebeliões (RUDNICKI; NEUBUSER, 2016).

Ainda é possível observar que essa situação degradante de praticamente todas as penitenciárias brasileiras contribui para o aumento das organizações criminosas, que fortalecem suas redes de relacionamento recrutando novos membros – normalmente os mais vulneráveis que, diante das inúmeras impossibilidades que o sistema carcerário oferece, principalmente o de reinserção na sociedade, continuam a vislumbrar a vida no crime como uma maneira fácil e rápida de conquistar benefícios ou como a única forma de sobrevivência (RANGEL; BAYER, 2014).

Na contramão dessa realidade, a metodologia apaqueana atua junto ao judiciário e ao executivo como alternativa do cumprimento da pena privativa de liberdade e que, a datar da sua criação, sustenta um cenário animador. O método é embasado em doze elementos que, quando possível, devem ser implantados concomitantemente – pois um é complemento do outro – sustentando-se na dinâmica e na realidade da instituição, sendo eles: participação da

comunidade, recuperando ajudando recuperando (modo pelo qual são chamados os presos na APAC para evitar nomes que pudessem diminuí-los), o trabalho, a religião, a assistência jurídica, a assistência à saúde, a valorização humana, a família, o voluntariado, Centros de Reintegração Social, o mérito e a Jornada de Libertação com Cristo (OTTOBONI, 1999).

Dentro da metodologia, a participação da comunidade é bem enfatizada, não só com o voluntariado dentro da instituição, mas também disseminando o trabalho da APAC para toda a sociedade. Outro ponto de relevância é desenvolver nos recuperandos a empatia e o espírito de cooperação através da ajuda mútua e do trabalho. A espiritualidade também se faz muito presente no dia a dia, sendo bastante destacada na Jornada de Libertação com Cristo, evento valoroso da instituição no qual todos os recuperandos participam, constituindo um momento para o aprendizado e reflexão sobre a vida (ARRUDA; OSS; MACIEL, 2015).

À vista disso, o método busca aplicar um tratamento humanizado e respeitoso, evitando ambientes superlotados que perpetuam um modo de tortura, uma vez que ações rotineiras como higiene pessoal e refeições cotidianas são executadas de forma humilhante (FIGUEIREDO, 2015). Busca ainda a valorização da pessoa humana, o que pode ser percebido em ações simples do dia a dia, na preocupação com a história de vida e futuro dos recuperandos. Outra característica que pode ser destacada é a ausência de policiamento nos prédios da APAC – isso porque o método preza a atribuição da confiança aos recuperandos. Todas essas características têm a finalidade de contribuir para a reinserção do recuperando na sociedade (OTTOBONI, 1999).

2.2 A IDENTIDADE, O AMBIENTE PRISIONAL E A PSICOLOGIA

A identidade do homem é construída ao longo do tempo e sofre contínuas interferências do contexto no qual está inserida (PETERSEN; SOUZA; LOPES, 2014). Nessa linha de raciocínio, o psicólogo social Antônio da Costa Ciampa desenvolveu a tese da Identidade Metamorfose, que basicamente pode ser compreendida como dois processos: o primeiro seria a metamorfose, ou seja, algo mutável e em constante transformação; já o segundo diz de uma não metamorfose, quando a configuração atual da identidade não passa por transformações, ela é apenas repostada (CIAMPA, 2009).

Assim, ao longo do tempo, os indivíduos apreendem informações do contexto as quais exercem forte influência em suas identidades e, por vezes, o que é assimilado está de acordo com suas pretensões de vida. Porém, alguns ambientes, por sustentarem um enredo rígido e arbitrário, submetem os indivíduos a uma realidade ao qual não estavam acostumados

e, assim, eles se apropriam do que foi determinado pelo outro, assimilando suas doutrinas e moldando seus pensamentos e comportamentos (CIAMPA, 2009).

Esse fato pode ser observado claramente nas penitenciárias caracterizadas como instituições totais, estabelecimentos que controlam a vida dos indivíduos, modificando a rotina e a interação social dos mesmos. Possuem particularidades que abalam a identidade dos internos, isso por meio do rigoroso contexto que sustenta o isolamento social: as regras rígidas, as punições deliberadas e, em alguns casos, as humilhações e o descaso. Além dos presídios, podemos citar como exemplo dessas instituições totais os conventos e os quartéis (GOFFMAN, 1974).

Dessa forma, durante o período no cárcere os indivíduos vivenciam o isolamento social imposto pelos muros dos presídios, se desvinculando do mundo externo onde tinham uma rotina estruturada e a convivência com familiares e amigos. Isso pode ser ainda pior para os presos que têm dificuldade em receber visitas ou correspondências (FRANDOLOSSO; OLIVEIRA, 2014). Passam a ter um cotidiano pautado nas normas da instituição que visa à organização harmoniosa do local. Contudo, a forma rígida e desmedida com que estas são aplicadas acarreta um controle opressivo que por vezes produz humilhação, desvalorização dos presos e a perda da dignidade (SANTOS; NOGUEIRA, 2014). Assim, eles têm seus anseios acerca do futuro anulados e, sem muitas perspectivas para o futuro, vivendo em um ambiente deteriorado com condições subumanas, com predominância e perpetuação da violência, perdem o significado daquilo que eram antes de adentrarem no presídio (RANGEL; BAYER, 2014).

Sustentando todas essas características dois fenômenos típicos do ambiente prisional, principalmente aqueles embasados na violência, podem afetar a identidade dos presos. O primeiro, chamado de “mortificação do eu”, quando o sujeito perde o sentido de si mesmo devido as normas arbitrárias do local, a vigilância constante, o afastamento da sociedade e as repetidas cenas de violência física e psicológica (GOFFMAN, 1974). E o segundo sendo a “institucionalização”, que ocorre porque os detentos passam a vivenciar e absorver os diferentes estímulos do ambiente tais como os costumes, a linguagem, as regras de convivência, os códigos, entre outros, tendo como resultado a perda, aos poucos, de suas próprias vontades e desejos (BITENCOURT, 1993).

Dentro da visão da Psicologia Social, todas essas implicações incidem sobre o preso contribuindo para um processo de metamorfose da identidade, criando novas estruturas embasadas na violência e desumanização. Assim o preso passa a evidenciar sua nova identidade de acordo com o aprendizado que absorveu no ambiente prisional (CIAMPA,

2009). Por outro lado, esses fenômenos também demonstram que as penitenciárias se caracterizam como um ambiente repleto de impossibilidades para o desenvolvimento dos presos. Dessa forma, eles podem experimentar o processo da não metamorfose, ou seja, têm apenas reposições da sua identidade atual, e suas manifestações – modo de agir, pensar, relacionar com outro – permanecem estáticas, sem demonstrações de mudança (LIMA; CIAMPA, 2012).

De outra forma, quando o preso é transferido para uma unidade da APAC, recebe estímulos distintos dos experienciados nas penitenciárias do sistema comum porque a APAC mantém uma metodologia humanizada, com o foco na ressocialização e recuperação da dignidade humana. Esse fato permite aos indivíduos repensarem a noção de si mesmos e perseverarem sobre as possibilidades no futuro (FRANDOLOSSO; OLIVEIRA, 2014). Esse movimento pode culminar em uma metamorfose da identidade embasada em questões positivas, proporcionando ao preso a capacidade de se reconhecer como pessoa e como cidadão (CIAMPA, 2009).

3 METODOLOGIA

A presente pesquisa é de natureza descritiva, a qual promove a observação e interpretação de um evento sem que, para isso, o pesquisador precise intervir no processo (SILVA; FOSSÁ, 2015). É de abordagem qualitativa, classificada por Minayo (2001) como uma modalidade de pesquisa que possibilita o trabalho com questões intrínsecas do homem e as especificidades das interações sociais, o que não pode ser submetido a aferições estatísticas. Em relação aos meios, foi realizada uma pesquisa de campo que possibilitou uma aproximação maior com o fenômeno investigado em seu ambiente de origem. Conforme Prodanov e Freitas (2013), essa categoria de pesquisa inicia-se com a elaboração de um referencial teórico, feito através da revisão bibliográfica, e a aplicação de técnicas de coleta de dados que permitem um contato com o público envolvido na temática.

Sendo assim, para a revisão bibliográfica foram consultados livros, dissertações de mestrados e artigos científicos disponíveis em sites especializados como *Scientific Electronic Library Online* (SCIELO) e *Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde* (LILACS). A coleta de dados foi realizada na APAC Sete Lagoas, com sete recuperandos do regime fechado, escolhidos pela administração da instituição. Para a escolha foi solicitado

apenas que estes tivessem no mínimo seis meses na APAC, não importando a idade ou estado civil. Foi estabelecido o prazo mínimo de 6 meses, pois, as atividades são desenvolvidas de acordo com o cronograma do método e este é o tempo mínimo para que os recuperandos tenham conhecimento e, quando possível, contando com os doze elementos (FERREIRA, 2016). Os participantes estão na faixa etária de 25 a 38 anos, com tempo de internação na APAC entre 6 meses a 6 anos, e, com exceção de um, todos têm relacionamentos estáveis.

As entrevistas ocorreram em um único dia, com duração aproximada de trinta minutos cada. Foram utilizadas entrevistas semiestruturadas com sete questões, elaboradas com base no tema desse trabalho, com o propósito de registrar as percepções dos recuperandos acerca das mudanças de ambiente, do tratamento recebido na instituição e como tudo isso impacta na estruturação de suas identidades. Conforme Lakatos (2010), essa modalidade de entrevista proporciona maior flexibilidade para o pesquisador em conduzir e explorar melhor as questões, permitindo uma inferência em cada resposta.

A apreciação dos dados foi feita através da análise de conteúdo, que, de acordo com Bardin (1997), permite uma visão ampla do material coletado e um estudo minucioso das mensagens contidas nas comunicações. Assim, após as entrevistas serem transcritas de forma fidedigna e todo o material ser previamente analisado com base nos objetivos da pesquisa, três categorias finais foram elaboradas, sendo elas: a discrepância entre os dois sistemas, as influências negativas para a metamorfose da identidade e a dignidade como influência para a metamorfose da identidade.

4 APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS E DISCUSSÃO

Feita a pesquisa e a organização do material, priorizaram-se os elementos mais relevantes para a análise dos dados vinculados ao objetivo geral, aos dois objetivos específicos e, ainda, com o intuito de responder a questão norteadora: “Quais as possíveis influências da metodologia apaqueana na identidade dos recuperandos da APAC Sete Lagoas?”. Optou-se por apresentar os resultados juntamente com a discussão, para proporcionar maior dinâmica e clareza na compreensão da construção do raciocínio. Para garantir o que foi estabelecido no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), os entrevistados serão identificados com a letra “R”, de recuperando, seguida da numeração da ordem da entrevista, então variando de 1 a 7.

4.1 A DISCREPÂNCIA ENTRE OS DOIS SISTEMAS

Conforme o referencial teórico exposto nesse trabalho, o ambiente prisional pode ser considerado inóspito e impiedoso. Acumulando problemas como a superlotação e as estruturas deterioradas, as prisões se transformaram em verdadeiros depósitos de pessoas que, ao adentrarem para esses locais, parecem perder seus direitos básicos não apenas como cidadãos, mas também como seres humanos. Assim, essas instituições não possuem condições para assistirem os presos conforme está assegurado na LEP 7.210/84. Essa não aplicabilidade da lei contradiz a Declaração Universal dos Direitos Humanos de 1948, principalmente nos pontos em que é afirmada a igualdade da dignidade para todos e a proibição da aplicação de penas severas e desumanas.

Nas entrevistas realizadas com os recuperandos da APAC Sete Lagoas, observou-se, tanto nas falas quanto na inquietação apresentada por eles durante o andamento das declarações, um forte sentimento de indignação pelo tratamento recebido no sistema prisional comum, frequentemente qualificado por eles como um “tratamento covarde”, no qual a falta de assistência para o preso é bastante comum. Destacaram-se também as péssimas condições dos presídios e o descaso com os eles em ações corriqueiras do dia a dia, fatos que podem ser percebidos nos trechos abaixo:

[...] coloca a gente lá pra pagar, mas de uma forma totalmente desumana, as condições lá são super difícil, a superlotação lá influencia muito também, então a vida lá é difícil, pra mim lá foi difícil (R3, 27 anos).

[...] é muito sofrimento, muita covardia. Lá você dorme no chão e divide uma cela com 30 pessoas, sem lugar para você dormir, sem lugar pra usar o banheiro (R4, 37 anos).

O sistema não oferece ajuda auxílio como está previsto na lei [...] às vezes você fica dias e dias, tem que praticamente implorar por atendimento [...] coisas que o preso precisa tipo de um advogado, psicólogo, então às vezes isso não é acatado (R5, 25 anos).

Em oposição a essa realidade, as APAC's apresentam um ambiente humanizado e estruturado pelos doze elementos que demonstram a busca pela aplicação da LEP 7.210/84. Além das várias assistências oferecidas aos recuperandos, percebe-se uma preocupação pela convivência com as famílias e com a sociedade – esta representada fortemente pela presença dos voluntários. Como evidenciado por Ottoboni (1999), esses são pontos importantes para a ressocialização, pois os recuperandos não se percebem sozinhos no cumprimento de suas penas e ainda podem vislumbrar possibilidades para quando conseguirem sua liberdade.

Referências aos doze elementos do método aparecem constantemente nas respostas dos recuperandos, principalmente nas pontuações sobre a presença da família e a oportunidade de estar em um ambiente com a influência da religião. A ausência de armas, policiais e algemas também foi apontada como algo favorável, o que faz com que eles percebam a APAC como um ambiente sem repressão e humilhações. Os trechos abaixo exemplificam essas afirmações:

Logo quando a gente entra aqui no recinto a gente percebe que não tem opressão, não tem ninguém armado, tem respeito, [...] pelo motivo de não ter arma, não ter droga a pessoa não vive a opressão (R6, 38 anos).

Só de chegar aqui, a gente já percebe que aqui é mais tranquilo, sem ter aquele monte de arma, porque lá é tudo muito corrido, é tudo rápido, de cabeça baixa, algemado, mas aqui você já fica leve (R7, 34 anos).

Ai aqui eles resgatam muita coisa importante, eu só tenho minha mãe, então ela ia lá uma vez por mês, na visita assistida [...] mas aqui nós temos oportunidade de aproximar de novo, porque aqui ela vem bem dizer quase toda semana (R7, 34 anos).

O tratamento da APAC é totalmente diferente, porque aqui nós temos auxílio, temos uma alimentação saudável, ajuda psicológica. Então a APAC hoje prega muito o respeito e a igualdade, então é uma casa que acolhe (R5, 25 anos).

4.2 INFLUÊNCIAS NEGATIVAS PARA A METAMORFOSE DA IDENTIDADE

Para as pessoas que estão cumprindo pena de privação da liberdade, as penitenciárias passam a ser seu novo contexto. Dessa forma, elas começam a fazer articulações com os elementos e a dinâmica do local como uma forma de adaptação, resultando assim no processo da institucionalização, ou seja, são moldadas por todos esses estímulos. Esse fenômeno, baseado na violenta atmosfera e precariedade das prisões, pode contribuir para uma metamorfose da identidade dos presos com aspectos negativos, sendo essa transformação percebida na forma como eles se apresentam para as demais pessoas do seu cotidiano (BITENCOUT, 1993; LIMA; CIAMPA, 2009).

Nas respostas dos recuperandos acerca do período que passaram no sistema prisional comum, observou-se esse processo de metamorfose quando relatam que precisaram adotar comportamentos mais violentos como forma de sobrevivência e resistência, isso porque as penitenciárias são compreendidas por eles como um local onde os mais vulneráveis são violentados, manipulados e em casos mais extremos são assassinados. Essas afirmações estão nos trechos abaixo:

[...] porque lá é muito ruim, lá você tem que ter uma posição do tipo machão [...] pra gente pode adaptar, porque lá eles fazem muitas covardias, fazem mesmo (R2, 36 anos).

Lá você não tem esperança de nada, lá o negocio é viver o crime mesmo, lá você tem que ser mais explosivo, mais agressivo, sua mente é outra [...] (R4, 37 anos).

Lá você absorve aquilo de ruim que as outras pessoas cometeram sobre crime a todo momento. Muita falta de respeito e aquilo vai ficando na mente da gente, vai dando um ódio dentro da gente, isso muda a gente (R5, 25 anos)

Os entrevistados qualificaram as penitenciárias como um verdadeiro “nada”, um lugar sem condições para crescimento pessoal. Vivenciando uma desvalorização humana, passam a experimentar uma progressiva anulação de suas identidades, de tudo aquilo que eles eram antes de serem presos. Fato característico da mortificação do eu que é capaz de produzir uma metamorfose da identidade embasada na melancolia e desânimo, proporcionando uma falta de perspectivas para um desenvolvimento positivo (GOFFMAN, 1974; CIAMPA, 2009). Os relatos abaixo exemplificam esse fenômeno:

Lá não tem nada que apoia a gente, não tem nada, tudo que a gente é, a gente esquece tudo [...] é um lugar que leva a pessoa completamente ao fundo do poço, lá é um lugar que às vezes a pessoa desamina até da vida (R1, 25 anos).

Lá eu passei por altos e baixos, ao mesmo tempo que eu queria mudar de vida eu não achava suporte, minha família me apoiava, mas lá dentro da cela eu só escutava coisas sobre o crime [...], o que reina lá é o ódio, o rancor, a mágoa, e isso mexe com a gente (R3, 27 anos).

4.3 A DIGNIDADE COMO INFLUÊNCIA PARA A METAMORFOSE DA IDENTIDADE

A APAC, com todas as suas especificidades, procura anular os processos negativos que ocorreram com os sentenciados no sistema carcerário comum. Com uma rotina rígida, mas estabelecida no respeito e na confiança, a instituição tenta reconstruir as normas, valores e hábitos o mais próximo possível de uma vida em sociedade. Todo o trabalho da APAC tem como objetivo a ressocialização dos recuperandos e o resgate de sua valorização, porém, sem perder de vista o fato principal de estarem ali: cumprir a pena privativa da liberdade (ARRUDA; OSS; MACIEL, 2015).

Durante as entrevistas, ao relatarem suas vidas na APAC, os recuperandos enfatizaram as modificações que ocorreram em seus comportamentos e pensamentos, influenciados pelos ensinamentos e valores que a instituição oferece. Isso demonstra um processo de institucionalização completamente diferente do que ocorre no sistema prisional comum. O que é assimilado pelos recuperandos na APAC impulsiona para o desenvolvimento

pessoal e desejo de mudança de vida, longe do crime ou da violência. Os trechos abaixo ilustram esse fato:

Os familiares da gente percebe o semblante da gente quando tá na APAC e o semblante da gente quando 'tá' lá em cima é diferente, as atitudes, muita coisa é diferente [...] aqui você vai mudando seus pensamentos. Até uma coisa que você não conseguia fazer, que é chorar, ter emoção, aqui é diferente (R4, 37 anos).

Minha mente transformou, eu estava com o pensamento lá assim que estava tudo perdido [...] hoje com o que a APAC me ofereceu já posso pensar completamente diferente, eu voltei a estudar, poder ler, concluir o Enem (R7, 34 anos).

A maior mudança foi no meu caráter, eu mentia muito pelo fato de eu ter sido usuário de drogas [...] e hoje eu não consigo ser assim mais e isso é mais que um ponto positivo, porque influencia em tudo, faz eu agir com a verdade (R3, 27 anos).

Dessa maneira, percebe-se uma nova metamorfose da identidade embasada no resgate da dignidade. Como já foi mencionada, toda a metodologia da APAC é fundamentada na valorização da pessoa humana, tendo como principal pilar a dignidade, que é compreendida como o reconhecimento do homem não só como ser humano merecedor de respeito e condições para a manutenção de sua sobrevivência, mas também como cidadão dotado da garantia de conviver em comunidade e usufruir dos mesmos direitos e deveres (ARRUDA; OSS; MACIEL, 2015). Os recuperandos entrevistados relatam de forma clara como a nova realidade da APAC proporcionou a eles o resgate da dignidade, superando paulatinamente a miséria material e psicológica do sistema prisional comum, sugerindo a modificação de suas identidades, como exemplificadas abaixo:

A APAC hoje nos mostra que tem sim, que nós temos oportunidade de recomeçar uma vida digna, e ela resgata o que o presídio não é capaz de fazer que é a nossa dignidade, é o nosso respeito perante a sociedade, os nossos familiares (R5, 25 anos).

Então a APAC ela resgata a dignidade, às vezes a gente chega até a estranhar de como é o método da APAC, a gente chega com aquela mentalidade do crime e com o passar do tempo nós vamos absorvendo as coisas que a APAC prega com cada recuperando (R7, 34 anos).

O modo do olhar das pessoas aqui na APAC, a confiança que eles tem sobre minha pessoa foi o que mudou em mim, porque aqui eles 'confiou' em mim já várias vezes [...] então esse apoio que 'eles me dá', é importante pra mim (R1, 25 anos).

Com uma nova estrutura da identidade os recuperandos são capazes de vislumbrar uma vida diferente. Começam a experimentar diferentes sentimentos e atitudes que possibilitam a elaboração de planos para uma vida dentro da comunidade, assim o processo da ressocialização tem início. Porém, os recuperandos demonstram, através de suas falas, que a

APAC não garantirá a continuidade desses planos quando eles estiverem em liberdade. Nas falas abaixo, eles afirmam que também dependerá da vontade deles. Há, ainda, a insinuação de que outros fatores estão relacionados à efetivação da ressocialização – não só a modificação da identidade, mas também a aceitação por parte da sociedade, que ainda carrega um grande preconceito com ex-presidiários (FERREIRA, 2016):

Falar que a APAC vai mudar a vida do condenado, que o preso vai trabalhar, vai ganhar a vida honestamente a gente não pode falar isso, porque não sabemos o que nos espera. Mas que ela nos mostra o caminho que devo seguir isso é fundamental pra gente ter no período da APAC, para refletir (R5, 25 anos).

Aqui na APAC a gente encontra aqui esperança, crescimento, amor, então dá oportunidade de querer mudar de vida, mas a gente tem que querer seguir aquilo que a gente vê aqui e tem o mundo lá fora também (R1, 26 anos).

Sabe a APAC que tem muita coisa boa pra gente, mas vai depender da minha pessoa querer isso, mas acho que vai ser bom pra mim (R6, 38 anos).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse trabalho teve como objetivo identificar a influência que a metodologia apaqueana tem sobre a identidade dos recuperandos. Com os resultados da pesquisa, verificou-se o resgate da dignidade como a maior influência da metodologia, pois é a partir dela que os recuperandos voltam a se reconhecer como pessoas merecedoras de respeito, algo que tinha se perdido enquanto estavam no sistema comum. Também se percebem possuidores de direitos e deveres dentro da comunidade. Por meio dessas novas percepções, a identidade passa por uma metamorfose e os recuperandos têm seus desejos direcionados para novos projetos de vida. Esse fato é percebido nas relações que eles estabelecem em seus cotidianos, no relacionamento com a família e vivenciando as oportunidades que a APAC oferece, como o estudo, o trabalho e os cursos profissionalizantes.

Os dados encontrados corroboram os pressupostos preestabelecidos, pois o processo de metamorfose fundamentado pelo resgate da dignidade contribui para a ressignificação da identidade, marcada pela busca por possibilidades que, conseqüentemente, impulsiona para uma ressocialização. Porém, a efetivação dessa ressocialização só será possível caso os recuperandos consigam manter as mudanças no ambiente extramuros, e entre as dificuldades encontradas por eles está o preconceito da sociedade.

Sob o olhar da Psicologia Social, os resultados dessa pesquisa contribuem para fomentar a discussão acerca de realidade social das penitenciárias brasileiras, algo que ainda permanece velado por muitos da sociedade, ora por desconhecimento ora por preconceito. E ainda, ao discorrer sobre os benefícios da metodologia apaqueana no processo de estruturação da identidade, demonstra como esse campo pode ser de importante atuação da Psicologia, tanto no auxílio para com os recuperandos quanto na conscientização da sociedade.

O trabalho limitou-se a apenas um campo de pesquisa – a APAC Sete Lagoas – e devido a determinações dos coordenadores da instituição foram entrevistados apenas recuperandos do regime fechado, ocasionando um número pequeno na amostra. Também houve limitações quanto ao referencial teórico, pois a pesquisa utilizou artigos científicos do período do ano de 2013 até o ano vigente; e, ainda, quanto ao idioma, sendo que os materiais, tanto artigos quanto livros, foram da língua portuguesa.

Após a conclusão dos estudos e observando as limitações encontradas, sugere-se que sejam feitas futuras pesquisas em outras APAC's e com recuperandos tanto do regime fechado quanto do semiaberto. Isso possibilitará uma maior observação dos efeitos da metodologia na vida dos recuperandos, uma vez que no regime semiaberto eles têm a possibilidade, mesmo que restrita, de estarem em comunidade e perceberem na prática o efeito das mudanças em suas vidas. Essa abrangência da amostra contribuirá para diversificar e expandir os resultados.

BIBLIOGRAFIA

ARRUDA, Andres Gustavo; OSS, Luzia Ester Santos; MACIEL, Patrícia Xavier. **Os presídios no Brasil: o histórico da pena e a comparação entre o sistema carcerário tradicional e o método APAC.** In: CONGRESSO DE PESQUISA E EXTENSÃO DA FACULDADE SERRA GAUCHA, 2015, Caxias do Sul. Anais... Rio Grande do Sul: Centro Universitário da Serra Gaúcha, 2015. p. 51-62. Disponível em: <<http://ojs.fsg.br/index.php/pesquisaextensao/article/view/1640>>. Acesso em: 12 ago. 2017.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo.** São Paulo: Edições 70, 1997.

BITENCOURT, Cesar Roberto. **Falência da pena de prisão: causas e alternativas.** 4. ed. São Paulo: Saraiva, 2011.

BRASIL. **Lei de Execução Penal**. Brasília. DF: 1984. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L7210.htm>. Acesso em: 08 ago. 2017

CIAMPA, Antônio da Costa. **A Estória do Severino e a historia da Severina – um ensaio da psicologia social**. 1. ed. São Paulo: Brasiliense, 2001.

DEPARTAMENTO PENITENCIÁRIO NACIONAL. Informações Penitenciárias, 2014. Disponível em: <<http://www.justica.gov.br/noticias/mj-divulgara-novo-relatorio-do-infopen- nesta-terca-feira/relatorio-depen-versao-web.pdf>>. Acesso em: 23 set. 2017.

FERREIRA, Valdeci Antônio. **Juntando cacos, resgatando vidas**. 1. Ed. Belo Horizonte: O lutador, 2016.

FRATERNIDADE BRASILEIRA DE ASSISTENCIA AO CONDENADO. **Reincidência de apenados da APAC é menor que do sistema convencional**. Disponível em: <<http://www.fbac.org.br/index.php/pt/noticias-site/1824-reincidencia-de- apenados-da-apac-e- menor-que-do-sistema-convencional>>. Acesso em: 28 maio 2017.

FIGUEIREDO, Elielson. **Corpos para não esquecer: testemunho e a cena da tortura**. Revista Margem Interdisciplinar. Abaetetatua, vol. 9, n. 13, p. 103-113, 2015. Disponível em: <<http://periodicos.ufpa.br/index.php/revistamargens/article/view/2679>>. Acesso em: 25 set. 2017.

FRANDOLOSSO, Thalitta; OLIVEIRA, Lisandra Antunes de. **O impacto das vivências no sistema prisional sobre a subjetividade dos detentos**. 2014. Disponível em: <<http://www.pensamentopenal.com.ar/system/files/2015/08/doctrina41685.pdf>>. Acesso em: 25 set. 2017.

GOFFMAN, Erving. **Manicômios, prisões e conventos**. 1. ed. São Paulo: Perspectiva, 1974. Disponível em: <<http://www.observasmjc.uff.br/br/psm/uploads/Manicomios-prisoas-e- conventos.pdf>>. Acesso em: 25 abr. 2017.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

JACQUES, Maria da Graça Correa. Identidade. In: STREY, Marlina Neves (Org). **Psicologia Social Contemporânea**. Rio de Janeiro: Vozes, 2013. Cap.8, p.137-144.

LIMA, Aluísio Ferreira de; CIAMPA, Antônio da Costa. Metamorfose humana em busca de emancipação: a identidade na perspectiva da Psicologia Social Crítica. In: LIMA, Aluísio Ferreira (Org). **Psicologia Social Crítica: paralaxes do contemporâneo**. Porto Alegre: Sulina, 2012. Cap.1,p.11-22.

LIVRAMENTO, Andre Mota do; ROSA, Edinete Maria. **Homens no Cárcere: estratégias de vida na prisão**. Revista Pesquisas e Práticas Psicossociais. São João Del Rei, n. 02, v. 11,

p. 412-426, dez. 2016. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttest&pid=S1809-8908201600200011>. Acesso em: 12 set. 2017.

MACHADO, Vitor Gonçalves. **Análise sobre a Crise do Sistema Penitenciário e o Reflexo do Fracasso da Pena de Prisão**. Revista Derecho y Cambio Social. 2013. Disponível em: <<https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/5476726.pdf>>. Acesso em: 12 set. 2017.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa Social: Teoria, Método e Criatividade**. 18. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

ONU – Organização das Nações Unidas. **Declaração dos Direitos Humanos**. 1948. Disponível em: <http://www.ohchr.org/EN/UDHR/Documents/UDHR_Translations/por.pdf>. Acesso em: 13 out. 2017.

OTTOBONI, Mário. **Vamos matar o Criminoso?** 3. ed. São Paulo: Paulinas, 2001.

PETERSEN, Fernando; SOUZA, Thiago Galdino de; LOPES, Andreia de Araripe. **Relações entre autogestão e cidadania: o papel da participação em uma cooperativa na construção da identidade de cidadão**. Revista Psicologia e Sociedade. Joinville, n. 2, p. 483-495, 2014. Disponível em: <http://scielo.br/scielo.php?pid=S0102-71822014000200024&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acesso em: 13 out. 2017.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar. **Metodologia do Trabalho Científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

RANGEL, Caio Mateus Caires; BAYER, Diego Augusto. **A precariedade do sistema prisional e a responsabilidade do Estado brasileiro em face dos crimes de tortura praticados no cárcere à luz dos direitos humanos**. Revista Pistis e Práxis: Teologia e Pastoral. Curitiba, v. 6, n. 3, p. 951-974, 2014. Disponível em: <<http://www2.pucpr.br/reol/pb/index.php/pistis?dd1=14739&dd99=view&dd98=pb>>. Acesso em: 04 out. 2017.

RUDNICKI, Dani; NEUBUSER, Marili Antunes. **Direitos humanos e superlotação no Presídio feminino de Porto Alegre**. Revista Direito, Estado e Sociedade. Porto Alegre, n. 48, 2016. Disponível em: <<http://www.jur.puc-rio.br/revistades/index.php/revistades/article/617>>. Acesso em: 26 set. 2017.

SANTOS, Wagner; AQUINO, Sergio Ricardo Fernandes de. **A crise no sistema penitenciário brasileiro e a afronta a dignidade da pessoa humana**. In: MOSTRA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA IMED, 1, 2016, Porto Alegre. Anais... Porto Alegre: IMED, 2016. p. 13-18.

SANTOS, Cristina Sofia Lima dos; NOGUEIRA, Adriano Zilhão de Queiroz. **Envelhecer em contexto Prisional.** Revista Brasileira de Gerontologia. Rio de Janeiro, n. 1, p. 39-48, 2015. Disponível em: <www.scielo.br/pdf/rbgg/v18n1/1809-9823-rbgg-18-01-00039.pdf>. Acesso em: 04 set. 2017.

SILVA, Andressa Hennig; FOSSÁ, Maria Ivete Trevisan. **Análise de conteúdo: exemplo de aplicação da técnica para análise de dados qualitativos.** Qualitas Revista Eletrônica. Brasília, n. 16, 2015. Disponível em: <<http://revista.uepb.edu.br/index.php/qualitas/article/2113/1403>>. Acesso em: 17 Ago. 2017.

ANEXO I

FACULDADE CIÊNCIAS DA VIDA **PESQUISA: INFLUÊNCIA DA METODOLOGIA APAQUEANA NA IDENTIDADE** **DOS RECUPERANDOS**

ROTEIRO DE ENTREVISTA

Nome:

Idade:

Período na APAC:

- 1) Como foi o período de reclusão no Sistema Prisional Comum?
- 2) Como foi para você ser transferido para a APAC?
- 3) A APAC utiliza uma metodologia diferente, como é para você vivenciar isso?
- 4) Para você, qual é a maior diferença em estar aqui na APAC do período em que você passou no Sistema Prisional Comum?
- 5) Percebeu alguma mudança em você desde a sua chegada aqui na APAC?
- 6) Do tratamento que você recebe aqui, o que é mais importante para você?
- 7) Você acredita que tudo o que você aprendeu e vivenciou aqui na APAC, pode te ajudar quando receber a liberdade?

ANEXO II

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE) PARA PARTICIPAÇÃO EM PESQUISA

Título da Pesquisa: Influência da metodologia apaqueana na identidade dos recuperandos
Pesquisador Responsável: Ana Claudia Junqueira Burd
Pesquisador discente: Mirela Leal Tristão
Instituição: Faculdade Ciências da Vida

Prezado participante,

A professora Ana Claudia Junqueira Burd (pesquisadora responsável) e a graduanda Mirela Leal Tristão (pesquisadora auxiliar), vinculadas ao curso de Psicologia da Faculdade Ciências da Vida, estão realizando uma pesquisa denominada “Influência da metodologia apaqueana na identidade dos recuperandos”, tendo como objetivo compreender como a APAC, através da sua metodologia, intervém na identidade dos recuperandos e conseqüentemente na sua ressocialização. Para a realização dessa pesquisa será necessário entrevistar recuperandos da APAC Sete Lagoas, dessa forma gostaríamos de convidá-lo a participar voluntariamente lembrando que a pesquisa não oferece riscos a sua integridade física e psicológica.

É garantida a liberdade a todos de recusar a participação bem como de retirar a permissão a qualquer momento da pesquisa. É válido ressaltar que o anonimato das respostas e dos dados dos participantes será respeitado.

Eu _____, declaro que compreendi as informações desse termo e estou de acordo em participar da pesquisa.

Estando de acordo, assinam o termo:

Participante

Pesquisador responsável

Pesquisador auxiliador